

MIGUEL FRANCO

Sobre o Teatro



O meu pai



Miguel Carlos Franco nasceu em Leiria a 14 de Abril de 1918.

Infância e adolescência passa-as entre a escola, o trabalho e o "Terreiro".

Nos seus contos-memória, sobretudo em "O Estroina" revive-se o ambiente da época: - "criançada" à solta brincando aos circos na imitação da vida.

O Estroina-herói vem alegrar as ingénuas corridas, as richas, os sonhos das crianças a quem foram negados os colos tão cedo ainda!...

Miguel Lino é o sonhador dos circos. E as garotas, de olhos tímidos: o medo dos rapazes espreita em cada pedra, em cada esquina. Mas ousam partilhar as brincadeiras, as cantigas tão pudicas de então...

E os miúdos educados pelas mães soltam as diabruras, crescendo numa vida

De apostas sucessivas, fazendo-se Homens apenas sobre os seus próprios pés.

Da criança de 1918 sai este homem sempre à espera do dia seguinte.

Do circo e dos teatros de rua passa para o teatro amador, actividade em que se inicia em 1942.

Em 1950 funda o Grupo de Teatro Miguel Leitão de que é o principal

dinamizador. Para a acção deste grupo amador pôde contar com o carinho e colaboração de amigos que a ele se chegaram numa vontade comum de levar teatro a todos os pontos do País.

Depois de Tá-Mar de Alfredo Cortêz e depois de conquistados vários êxitos, Miguel Franco repensa o teatro amador como modo de cultura e faz representar Gil Vicente com a Farsa de Inês Pereira em ambientes adaptados no Castelo de Leiria, Convento de Tomar e Mosteiro de Alcobaça.

É um intento de fazer coabitar os espaços e o teatro históricos.

Nesta linha e em substituição do Grupo de Teatro Miguel Leitão anteriormente extinto (1964) por "provincianas guerrilhas de opinião" Miguel Franco organiza, em conjunto com a Liga dos Amigos do Castelo de Leiria os "Festivais de Arte de Leiria" em 1972.

Falhado o projecto envereda definitivamente pela actividade cinematográfica, acedendo a convites formulados por Cunha Telles ("O Cerco"), por Manuel Guimarães ("O Crime de Aldeia Velha", Trigo e o Joio", "Lotação Esgotada"), por António Vitorino de Almeida ("A Culpa") por Lauro António ("Manhã Submersa") por António Macedo ("Domingo à Tarde"), etc....

Como autor publica em 1964 "O Motim" (do qual vem a desempenhar o seu último papel em 1986 como "juiz do povo" aquando da homenagem que lhe é prestada por "A Tela" de Carlos Fragateiro)

Mais tarde publica "A Legenda do Cidadão Miguel Lino" à qual é atribuído o "Prémio Almeida Garrett" pelo Ateneu Comercial do Porto, "O Capitão de Navios". Prepara entretanto "Leonor" de Fonseca Pimentel, nunca terminada e recolhe projectos vários...

Em 1987, Jorge Listopad entrevista-o já doente na sua casa em Queluz já afastado da terra onde nasceu, a que tanto deu e que tanto o amargurou...

Morre em 19 de Fevereiro de 1988.

Maria João Franco

Memórias da casa de meu pai

Teria eu 5 a 6 anos.

Meu pai chegou do trabalho com um pacote imenso debaixo do braço.

- Pai, o que é isso?

- Queres ver?

Pousou o pacote em cima da mesa da sala, abrindo-o com todo o cuidado, e, para meu espanto, era uma coisa nunca vista...

Um coisa amarela e vermelho escuro e dois pacotes quadrados com qualquer coisa dentro.

Meu pai pousou delicadamente aquele engenho amarelo e vermelho em cima da velha telefonia e com todo o cuidado, perante a minha curiosidade, pousou uma coisa redonda e preta que começou a rodar.

Ouvi! num som que me era absolutamente estranho.

O meu espanto era ainda maior.

E parece-me ainda hoje ouvir a voz do meu

Pai perguntando

- Sabes o que é?

(como poderia eu saber na minha cabeça de loiros cabelos de criança sonhadora?)

- É a Cavalaria Rusticana! responde o meu pai entusiasmado com a compra e feliz, com o meu interesse em

colaborar no seu entusiasmo por uma coisa que me era de todo estranha, numa altura em que aquela velha telefonia no seu roufenho som nos dava o "Adeus, não afastes os teus olhos dos meus" ou outras que agora não me lembro, que a memória me trai e ainda homens que falavam de coisas que eu não entendia...

- Feliz, ouvi até ao fim, em toda a largura da minha curiosidade e espanto.

E porque o meu pai me dava a ouvir coisas novas, uma música que devia ser tão especial, uma vez que ele a trazia religiosamente para casa.

Virou o disco preto e continuava numa música de um mundo para mim totalmente desconhecido.

Era Oberon! ensinou-me o meu pai olhandome e sorrindo feliz, certamente pelo meu companheirismo ao ouvir com toda a atenção aquilo que ele tanto amava - a música!

Ainda tenho na memória a obscuridade daquela sala onde voavam a meia altura algumas de outono moscas fazendo os seus poisos e voos rasantes...

Foi esta a primeira vez que me foi dado ouvir uma obra clássica e é esta a primeira memória que tenho de saber da paixão do meu pai pela Música.

Desta imagem que retenho até que a memória me deixe, a música foi sempre uma presença que pairava em casa .

Todos os grandes clássicos tiveram lugar nas noites de trabalho intensivo de criação ou nas muitas reuniões de amigos ao serão, num prazer indescritível para o meu pai, para quem os amigos foram sempre o sagrado da sua Vida.

Porque o meu pai amava as pessoas, numa dádiva sem espera, partilhando tudo aquilo de que mais gostava.

Desde sempre, reuniões de amigos para ouvir em silêncios todas as "novidades" que o Miguel Franco levava religiosamente para casa, para a pequena sala onde já fumegava o café do serão.

Assim foram as muitas noites passadas entre amigos, fazendo a maior parte deles o grande espólio das nossas memórias.

Aqui, nesta sala, estão, ainda e agora, alguns dos grandes amigos de sempre!

Sempre presentes na casa do Miguel, em cuja porta morava de dia ou cedo na noite uma chave, numa casa sempre aberta aos Amigos que chegavam.

Maria João Franco

Março 2019

Como Acontece Teatro?

O Teatro é uma das actividades primárias, uma das atitudes instintivas do Homem.

É, entre essas atitudes (que podemos observar nas crianças, como nos povos de mais rudimentar primitividade, digamos, "povos - crianças"), o Teatro aquela que exprime a Luta contra a condição do Homem, a sua impotência, a sua fraqueza, o seu Destino.

Outras atitudes instintivas, como a Dança - prazer de viver e de movimentar o Corpo Físico, ânsia de plenitude e de integração dinâmica no Mundo; e a Descoberta, superação do zero inicial e integração também e apropriação do espaço e das Leis do seu Mundo, não são, como o Teatro, atitudes debruçadas sobre si mesmo.

É o Teatro, de facto, entre todas essas manifestações, aquela que exprime, contém e declara os sinais da Luta eterna do Homem com o seu mundo. Aquela que proclama o seu sofrimento.

Teatro é, por isso, intrinsecamente, **Luta**. E procurada uma síntese mais afortunada talvez, por mais significativa, de maior ressonância na alma do nosso tempo, aquele que entendemos e para o qual são ditas as nossas palavras, direi que **Teatro é Justiça**.

E sempre assim foi: os homens reconstruindo a vida, com o seu coração, por a quererem justa.

Essa é a essência do Teatro.

Se **Descobrir** é adquirir, e **Dançar** é comungar no movimento de que somos, Representar é corrigir, é tornar melhor. Tudo na busca incessante da eternamente inatingida felicidade: **o afã de descobrir**, para dominar a matéria e as leis naturais que nos aprisionam; **a ânsia de dançar**, ânsia de libertação, de vôo, de êxtase e de fuga; e o **Representar**, por impulso de recriar, observar e dar a observar, parando a vida e revirando-a na nossa

mão frágil (tornada agora dominadora, condutora), e olhando, atentos, as mil faces do objecto humano, que o decurso vertiginoso da vida real, nem deixa ver com nitidez, nem permite que atempo o defeito de um gesto se suspenda antes do golpe. Ao contrário da Vida, que engana e nossa vontade ou a frustra no Teatro, é a vontade que conduz a Vida.

O Teatro ensina, então. É uma procura moral. É, como disse antes, uma forma de buscar a felicidade. E dela apêlo instintivo.

Quando todos nós julgamos que o Teatro é o resultado de uma cultura, de uma elaboração intelectual, o seu próprio corpo de sinais entremostra as raízes penetradas nas profundezas instintivas dos seres, mais profundamente no seu mistério do que a linguagem sonora, que é a utilização já elaborada de uma aptidão emissora de sons. Mas no Teatro é ele próprio – o Homem – instrumento e linguagem. Enquanto o Homem para comunicar através da fala, usa os sons que produz na garganta, articulando-os e organizando-os de modo a transmitir sinais ou conjuntos de sinais mais de significado já estabelecido, ele, ao representar, faz de todo o seu corpo instrumento e uma linguagem mais ampla, mais profunda. Um gesto, uma expressão, uma voz também (se necessário), um movimento – e o Homem transmite ao Homem a emoção mais subtil, o horror mais indizível. Pelo Teatro, pelo poder comunicante do Teatro, somos postos perante o Ideal ou a Abjecção, as Estrelas ou a Desgraça. Um quase inapercebido mover de um músculo da face, nunca visto, dir-nos-á o que a fala – meio de comunicação menos iluminado por dentro, digamos – nunca nos pode transmitir.

Todos nós representamos. Todos os dias. Em todas as horas do dia. Não representamos algumas vezes, quando sós ou entregues a alguma tarefa solitária, ou a produzir, a criar. Dir-se-á que não representamos quando estamos alheados da sociedade, esquecidos dos “outros”. Mas basta que “eles” se apresentem, mesmo que só na nossa imaginação, para imediatamente entrarmos em representação, entrarmos em “luta”. E na sua presença, como representamos a nossa própria personagem e lhe procuramos definir melhor os contornos, aqueles com que queremos ou nos é necessário fazer parte do conjunto, ser um entre tantos!

Que cada um olhe para si, olhe para o aspecto, para o exterior de si, como seu próprio espectador – e se

observe para dentro de si também (porque é nos recessos do nosso dispositivo mental que se opera a encenação): “agora faço isto...; agora faço aquilo...; e digo agora...; não digo...; olho mais tarde...; olho agora...”.

E isto é Luta e é – como disse há pouco naquela síntese -: Justiça. Procura de Justiça. Aquela justiça de que cada um precisa para si, no seio da sociedade humana. E a harmonia, o pleno ajustamento, a equitativa satisfação de todas essas necessidades privadas de justiça, de todas essas justíças, essa meta ideal é, por essa via, a Felicidade, a inatingida e inatingível Felicidade, eternamente procurada.

No acto mais despreocupado da nossa vida, se imitamos alguém, a mola que nos impele a essa representação, é a da crítica, da correcção, de apontar o que está mal, ou o que, na pessoa representada, altera ou interfere em um qualquer nosso senso de equilíbrio. É sempre – mesmo que insignificante o apontamento, o motivo ou a hora – um caso de justiça em exercício.

Julgo ter acumulado aqui suficientes evidências da íntima – tão íntima que são o mesmo e se confundem – associação do teatro com a vivência do Homem, do ser humano vivendo em sociedade com outros seres humanos. E não quis chamar aqui à minha palestra as encantadoras representações, plenas de acerto, segurança, exacta naturalidade e intenção de que são as da infância, logo que os olhos mal se nos abrem para a observação do mundo.

E também não é necessário aludir às representações que são as cerimónias religiosas, que vão buscar as suas raízes aos longínquos teatros primitivos onde os homens aterrorizados pela natureza, hostil por ignorada, representavam aos deuses a sua obediência e o seu apelo de perdão pelos males e defeitos cujo peso sentiam na consciência.

Os grandes povos têm grandes teatros. Povos de vida nacional larga e plena.

têm o Teatro que a sua vida atira para o palco onde fazem o seu próprio julgamento.

E quando circunstâncias especiais impedem o livre curso desse teatro, ele não deixa de eclodir, mais acutilante ainda, por isso mesmo, como força natural que é. Assim se compreende que nas épocas de opressão, o teatro,

quantas vezes até aí, sereno e calmo, salte das almas dos criadores vivaz e duro, provocante e agressivo. É fatal.

Como há um ano na América. Vive a grande nação o drama de uma guerra impopular, que a alma do povo não sente e não quer. A guerra do Vietnam. E o teatro saltou para a rua, e em frente da Casa Branca ou do Capitólio centenas e centenas de “actores” representaram o grande protesto.

Mutilados dessa mesma guerra, mulheres-viúvas, mães, órfãs, irmãs e noivas dos mortos que por lá vão ficando – todos foram até às escadarias da nação e travaram uma batalha de teatro, uma insólita e impressionante batalha: os mutilados, em muletas e cadeiras de rodas, empunhando espingardas de plástico, com as faces pintadas de branco como palhaços, combateram contra manifestantes pacifistas que manejavam outros engenhos de trágica significação. As mulheres, ostentando no peito e em almofadas as medalhas dos seus mortos, arrojaram-nas para o chão e para as escadarias, onde ficaram a formar montes inúteis de metal e de fitas.

Os combatentes caíam e cantavam. Um foi crucificado, como Cristo – e a guerra do Vietnam saiu deste imenso e angustiante “teatro”, mais derrotada ainda, mais odiada...

A época actual, caracterizada pelo esgotamento dos prazeres antigos, por uma angústia de viver, ao mesmo tempo frenética, enquanto ciclónicos formigueiros humanos se vão juntando e armando de técnicas pasmosas e tenebrosas, está a dar o seu Teatro, no qual, entretanto, como lhe é próprio, lucila sempre na luz de esperança, que o Homem já não deposita em nada, perdida a ideia de Deus, mas que espera de si próprio, singelamente pequeno corpo, embora belo, e cérebro que sabe potente. Por isso, os grandes momentos teatrais, em que a festa dos corpos esplende com a luxuriante folhagem do entrelaçar de pernas e braços, mensagem de harmonia dinâmica entre os seres, mensagem de paz criadora entre os indivíduos. Por isso, a grande força – autêntica, única -, que domina e conduz o Homem e o fez nascer – o Sexo – na plenitude da sua Verdade eterna, na Beleza, de novo Divina, da sua presença. Por isso, ainda, as grandes multidões que enchem os tabladados das representações. Hoje, Teatro não é mais solilóquio, é Mundo.

E em Portugal? Como acontece Teatro?

Temos uma realidade vivencial, como povo; e teremos um Teatro que a observe, que naturalmente irrompa dela, dessa realidade? A verdade é que não. Se assim fosse, como o Teatro seria amado e desejado por todos nós! Porque nós fazemos o nosso Teatro todos os dias, a todas as horas. Olhemos os grupos nos cafés e os amigos nas ruas, falando, comentando, representando os seus “casos”, os seus problemas e os seus dramas, exercendo Justiça. Como seria salutar, civicamente salutar, deixar que o nosso **inevitável** Teatro surgisse, organizado e em liberdade, depurado artisticamente.

E assim veríamos Tribunais e Teatros – **tribunais** sustentados pela Justiça codificada, **teatros** inspirados pelo sentimento da justiça instintiva. Mas a verdade é que não; não temos **ainda** o nosso Teatro (este **ainda** é um apelo esperançoso). E já o tivemos. Embora povo governado sempre de uma maneira absolutista ou próxima disso, houve, por razões privadas da governação, **momentos de verdade**. Como, quando no tempo de D. João III, Gil Vicente dizia, no seu ‘Auto da Feira’, pela boca de um “Serafim enviado por Deus a petição do Tempo”:

*“À feira, à feira! Igrejas, mosteiros,
pastores das almas, papas adormidos,
comprai aqui panos, mudai os vestidos,
buscai as samarras dos outros primeiros,
os antecessores.
Feirai o carão que trazeis dourado,
ó presidentes do crucificado,
lembrai-vos da vida dos santos pastores
do tempo passado.*

*Ó príncipes altos, império facundo,
Guardai-vos da ira do Senhor dos Céus,
Comprai grande soma do temor de Deus
Na feira da Virgem, Senhora do Mundo,
exemplo de paz,
pastora dos anjos, luz das estrelas.
À feira da Virgem, donas e donzelas,
porque este mercador sabe que aqui traz
as cousas mais belas!”*

Isto corresponde exactamente ao sentimento generalizado contra a Roma venal do Século XVI. Há uma correspondência justa entre sentimento do povo e o teatro desse mesmo povo, neste auto de Gil Vicente, que o Rei mandava representar na Corte.

Que mais me falta dizer?

Que nada disto, desta orientação que dei à minha palestra, estava nas minhas intenções quando respondi à Associação de Propaganda e Defesa da Região da Batalha a minha aceitação ao vosso convite para vir aqui falar-vos à vossa sede inaugurada recentemente a 15 de Abril deste ano e indiquei o tema **“Como Acontece Teatro?”**

Pensei então agarrar na última peça que escrevi (e ainda não foi publicada) e que nasceu exactamente de uma lápide que está no muro do Convento da Portela, que eu lia, galvanizado, miúdo de doze anos, ao passar para a minha velha Escola Comercial: “Aqui caíram em tantos de 1807 trinta bravos leirienses mortos pelas forças francesas do General Margaron...” - e evocar aqui aqueles que nela perpassam, fazendo-vos descobrir

gente que na minha cidade viveu, não naquelas eras da invasão dos franceses, mas no meu e vosso tempo, e tão próximos de mim, que agora os fiz personagens do meu drama, prolongando-os no tempo e na minha emoção (e julgo que também na de quem for seu espectador), única maneira que tenho de os ressuscitar – **pois assim acontece o Teatro.**

Miguel Franco

Palestra "**Como Acontece Teatro?**" proferida na Associação de Propaganda e Defesa da Região da Batalha, em 03 de Junho de 1972

Testemunho

Transcrição da entrevista de Maria João Franco, filha de Miguel Franco, ao Sr. Basílio Artur Pereira, companheiro de lides de teatro amador de Miguel Franco e guarda do Castelo de Leiria, local onde foram encenadas várias peças por Miguel Franco e onde tiveram lugar algumas edições do Festival das Artes de Leiria.

Pelo zelo com que exercia a sua profissão, o Sr. Basílio ganhou a alcunha de “Alcaide”.

Maria João Franco - Então Senhor Basílio, conte-me lá do que é que se lembra da “Farsa de Inês Pereira”, no Castelo.

Senhor Basílio - Lembro-me muito bem do seu paizinho, daquele gosto, daquela força extraordinária que ele tinha. E a peça, a “Inês Pereira”, pois eu assisti a todos os ensaios. Era muito jovem ainda, a senhora, por esse tempo...

Maria João Franco - Tinha 10 anos, era menos do que jovem!

Senhor Basílio - Pois, era ainda era uma menina da escola. Há duas coisas, entre outras, que me impressionaram em certa medida, no bom sentido: foi quando o seu paizinho começou a ensaiar a peça, a vivacidade, a força que ele tinha. Era precisa a “Casa da Guarda” que servia de fundo à peça, como se lembra, e depois ao lado estava a Corte. Que a jovem fazia parte da Corte, com o Aníbal Varela e... mais quem? Aquela senhora que era filha do carcereiro, era a esposa do....

Maria João Franco - A Adriana Gaspar.

Senhor Basílio - Era essa senhora também. O Aníbal Varela, a senhora e o seu mano, também!

Maria João Franco - Pois. Eu fazia de dama da corte e o meu irmão fazia de pajem.

Senhor Basílio - Pois, exatamente. Ora, a Rainha era essa senhora que agora eu acabei de dizer.

Maria João Franco - A Adriana Gaspar.

Senhor Basílio - Era, exatamente. Mas há uma coisa interessante: a "Casa da Guarda", como já disse, servia de fundo, de cenário!

Havia uma certa trepadeira que ele então foi descobrir na casa do Fabião, ali em baixo, ele foi lá descobrir essa videira trepadeira, e ele foi ter com o Fabião. O Fabião disse logo: - "Está bem pá! Leva!". E lá foi ele pôr a videira, mas viva, com as folhas; lá compôs aquilo de uma maneira ! Dava a impressão de que era mesmo aquilo, e era...

Maria João Franco - Essa era a casa da Inês Pereira! A "Casa da Guarda" era a casa da Inês Pereira.

Senhor Basílio - A "Casa da Guarda" era onde ela vivia, pois, pois, é isso mesmo! É engraçado era como o seu paizinho vivia as coisas, e estou a ver o seu paizinho quando começou a fazer teatro. Lembro-me bem! Ele começou a fazer teatro na Associação Recreativa... Não! Na União do Liz, que era onde é o Ulmar. A Associação União do Liz era uma associação de recreio e que, quando vamos a caminho do futebol, há ali antes de entrarmos, muito antes, logo à saída da Mouzinho de Albuquerque, do lado esquerdo, há ali o Ulmar... não sei se sabe que há ali o Ulmar...

Maria João Franco - Sei, sei. O Ulmar não é o primeiro, já é o segundo.

Senhor Basílio - Mas por ali é que era essa associação recreativa que fazia teatro amador, e havia lá um senhor extraordinário também, que já tinha a idade, vamos lá, e que trabalhava na Companhia Leiriense de Moagem, e era ele que ensaiava essas peças, nessa associação.

Maria João Franco - Lembra-se do nome desse senhor?

Senhor Basílio - Não estou a lembrar-me dele... Já lá vão muitos anos, eu era rapaz!

Maria João Franco - Não era o Luís Santos, que foi ator?

Senhor Basílio - Se era o Luís Santos? ... eu já lá chego se quiser...

Quer falar do Luís Santos? Era funcionário nas Finanças, na Direção das Finanças, era dactilógrafo, e ele é do tempo do seu paizinho, que depois com o seu pai fez teatro na Tuna Recreativa Liz, ali ao Terreiro. Não está a ver isso?

Maria João Franco - O Luís Santos de que me lembro, que depois foi ator em Lisboa. Mas se calhar não é o mesmo.

Senhor Basílio - É o mesmo.

Maria João Franco - É o mesmo? O que fez peças no Castelo?

Senhor Basílio - Sim. Ele quando veio para as Finanças, ele já fazia teatro em Lisboa. Mas depois foi colocado aqui, casou com uma senhora de Leiria, uma rapariga chamada Manuela, que era filha de um livreiro... Mas vamos lá: e então esse Luís Santos, que já é na Tuna Recreativa do Liz, porque o seu paizinho, quando acabou a Associação lá em baixo e abriu esta Tuna Recreativa do Liz no Terreiro, o seu paizinho foi para lá fazer teatro.

Há peças "Quando manda o coração", com a Cândida de Salão... e outras jovens (inaudível), o Francelino Barros que entrou na peça de "Inês Pereira", e outros. Mas vamos lá: o seu paizinho ali fez também teatro e começou a desenvolver-se mais na Tuna Recreativa Liz...

Maria João Franco - Também ali é que faziam operetas, teatro cantado, não faziam?

Senhor Basílio - Nós fomos com uma peça dessas, e o seu paizinho, a Porto de Mós, dar um concerto, a Tuna, com teatro e música, que foi um show maravilhoso. São muitos anos já, foi talvez em 1938-40, não sei no período da guerra, ou um bocadinho a seguir ou antes, porque eu já baralho um bocadinho. Quer-me parecer que eu já tinha vindo do serviço militar; eu vim do serviço militar em 1935.

Agora da “Inês Pereira”, a trepadeira, a videira trepadeira, outra coisa: havia em frente à “Casa da Guarda”, portanto aos arcozinhos da entrada da casa...

Maria João Franco - Sim, lembro-me muito bem.

Senhor Basílio - Havia aí uma nespereira, que estava situada onde foi situado o... rei, a rainha...

Maria João Franco - O palanque da corte.

Senhor Basílio - Exatamente. O palanque da corte. Precisamente aí. E o seu paizinho queria que fosse cortada a nespereira e eu opus-me. E disse-lhe assim: - “Oh, Miguel, não me faças isso. Então esta nespereira, passam os turistas, veem aqui as nêspersas, é uma coisa que já vem de tão longe, dos meus pais...não faças isto”. - “Oh Basílio, isto tem que ser assim!”, porque o seu paizinho vivia as coisas... Foi ter com o Camilo Korrodi, que era o presidente da Liga dos Amigos do Castelo de Leiria, como sabe, e o Camilo chegou lá e disse: - “Oh, Basílio, tu estás a contrariar o cortar a nespereira, mas o Miguel, o Miguel, é que sabe! Está a fazer a peça e ele quer a peça tal e qual!”. - “Pronto, está tudo certo, eu tenho de me render. Então tem que se cortar a nespereira, não se corta?...”, mas custou-me muito, muito, cortarem a nespereira. Mas a vida continua. Estão lá outras nespereiras e a vida não para.

E depois falamos dos ensaios. Olhe que era quase todas as noites, depois das seis, sete horas, depois do trabalho. Eu estava lá até às onze horas e até à meia-noite, minha senhora. Foi um tempo maravilhoso, por um lado. E eu tinha tanto gosto. Aliás, eu era muito amigo do seu pai; ele era um pouco mais novo do que eu, mas estou a vê-lo desde garoto. Ele, os irmãos, o Afonso, (nem sei por onde está o Afonso, estão lá para o lado de Lisboa...)

Maria João Franco - Vive em Lisboa, vive.

Senhor Basílio - E depois vi os ensaios. O seu paizinho era muito meticoloso, era rigoroso, era rigoroso e vivia as coisas, repetia quantas vezes fosse preciso.

E lembro-me de que ele às vezes estava aflito e dizia: - “Oh Basílio, deixa-me beber um bocadinho de açúcar!”, havia qualquer coisa no organismo dele...

Maria João Franco - Ele era diabético e tinha quebras de açúcar...

Senhor Basílio - E lá ia eu à "Casa da Guarda", era onde vivíamos eu e a minha mulher durante o dia, e lá ia eu à caixa do açúcar – "Toma Miguel!". Porque isto acontecia mais quando ele estava um pouco excitado, vamos lá, passe a expressão, quando estava a viver as coisas.

Maria João Franco - Era, era, quando se enervava, tinha hipoglicemia, com muita facilidade.

Senhor Basílio - E ele esquecia-se de tudo... Ele estava ali...

Ele fez outra peça na Igreja da Senhora da Pena, uma peça que ele levou a Lisboa, se não estou em erro, mas já foi muito depois....

Maria João Franco - Foi a "Zara".

Senhor Basílio - Eu não me lembro do nome da peça...

Maria João Franco - Em frente à Igreja. Foi a "Zara", não foi?

Senhor Basílio - Foi dentro mesmo da Igreja que foi representada, mesmo dentro.

Maria João Franco - Ah, da Igreja da Pena? Sim, sim.

Senhor Basílio - Mas não me lembro do nome da peça. Ele fez lá três peças...

Maria João Franco - Foi o "Auto da Índia", não foi? Não foi o auto de Gil Vicente?

Senhor Basílio - Ele fez uma lá em cima que era "Os Persas". Que até veio um artista brasileiro...

Maria João Franco - Era o Luís Tito.

Senhor Basílio - Um famoso, um artista famoso, tenho lá ainda assinatura dele...

E então ia a dizer: na "Inês Pereira", que é isso que a senhora me está a perguntar, viveu aquilo intensamente. Fez duas representações ou três. A primeira foi a deitar fora, aquela plateia, aquilo foi a deitar fora; a segunda

já foi assim com menos gente... Depois não sei se veio uma terceira peça. Mas olhe que os artistas amadores davam-nos a impressão que eram profissionais.

Maria João Franco - Exatamente.

Senhor Basílio - E já eram homens. Eu já homem, já sabia. Eu já tinha feito teatro com o seu paizinho, mas muito ligeiro. Eu lembro-me de fazer uma peça – ele não entrou nessa peça, na Tuna Recreativa Liz, em que havia o barbeiro que me estava a fazer a barba e atrás estava o ponto. O ponto calou-se e eu calei-me também.

Não teve importância nenhuma, foi a brincadeira. – “Mas o ponto nunca mais anda, porquê?”.

Sabe que hoje estudam os papéis, é uma facilidade extraordinária.

Não sei se tem assim perguntas a fazer...

Eu sei que da “Inês Pereira” tenho recordações, que eu já disse. Olhe que até foi alterada a “Casa da Guarda”. Foi feita de um quarto grande da casa uma escada para a saída ser em frente ao portão, porque não tinha outra hipótese, não sei se se lembra. Aquilo foi tudo feito, segundo a ordem e segundo o saber do senhor seu pai!

Essa e outras peças, ele viveu isso intensamente.

Agora: esse Luís Santos, foi um senhor que veio para Leiria, era dactilógrafo...

O que é que eu hei-de dizer? O Miguel era um rapaz extraordinário, pronto. Deixava a vida profissional dele, às vezes... mas isso não foi só ele: muita gente. Nós, por esses tempos, deixávamos tudo para irmos a correr para tratar das coisas, sem remuneração, sem nada. A senhora está a ver hoje o que é toda a força do dinheiro? Eu lembro-me de deixar a minha vida de trabalho, ali no Ateneu, quando havia, era o ginásio do Ateneu. Fazíamos ali bailes, brincadeiras e depois havia uma comissão, eu lembro-me de fazer parte, mais do que uma vez. Uma vez fizemos lá uma passagem de ano em que a ceia era lá feita e eu fui aos “Toras” - que era uma oficina que havia de muito meus amigos, tinham lá um fogão que era a lenha - e eu e os rapazes que trabalhavam comigo fomos numa carroça buscar o fogão e levá-lo para lá e cozinhámos lá essa ceia.

Maria João Franco - Tenho uma ideia de o meu pai falar nisso...

Senhor Basílio - Oh, isso eram tempos maravilhosos...

Bem, a senhora vá perguntando alguma coisa...

Maria João Franco - Olhe, diga-me uma coisa...

Senhor Basílio - Eu já estou a fugir um bocadinho, mas sabe isto está relacionado tudo com o mesmo. Mas o Luís Santos, estava-lhe a dizer, foi uma figura extraordinária e ele deu muita vida ao nosso teatro amador em Leiria, e com o seu paizinho, e o seu paizinho acho foi a grande força também do Luís Santos, que o entusiasmou e andou mais.... Não chegou a conhecer, não se lembra...

Maria João Franco - O Luís Santos, lembro-me já quando foi os "Os Persas". Porque quando era miúda não me lembro dele.

Senhor Basílio - "Os Persas". Ele veio de Lisboa para fazer "Os Persas".

Maria João Franco - A convite do meu pai.

Senhor Basílio - Pois!... Ele já deve ter morrido. Ele hoje, se estivesse vivo, teria à volta de 100 anos... ainda aqui há 5 ou 6 anos houve um encontro no Castelo de Leiria, mas não foi teatro, e ele, o Luís Santos, e uma filha dele, que trabalhou num espetáculo de música e canto (a filha dele fazia parte desse grupo), e ele veio com a filha. Estive a falar com ele. Tenho lá uma fotografia com ele, até lha posso mostrar...

Maria João Franco - Está bem. Olhe, diga-me uma coisa: na Igreja da Pena tenho uma ideia de que foi lá representado - em cima eu creio que foi "Todo o Mundo e Ninguém", de Gil Vicente -, agora, na Igreja da Pena, eu não me lembro bem do que foi lá feito.

Senhor Basílio - Era uma peça que era passada no Porto...

Maria João Franco - Era "O Motim"! Mas isso foi o Carlos Fragateiro, foi o grupo "A Tela", encenado pelo Carlos Fragateiro. Uma homenagem que fizeram ao meu pai em 1987.

Senhor Basílio - Mas o seu paizinho....

Maria João Franco - O meu pai também entrava e ele na altura já estava muito doente.

Senhor Basílio - Sim, sim... Ele já para subir... Era com o Fragateiro. Que esteve aqui, que depois foi embora.

Maria João Franco - O Carlos Fragateiro, que era do INATEL.

Senhor Basílio - Exatamente. Não era passado no Porto, numa época?...

Maria João Franco - Sim, era passada no Porto, com a repressão que havia.

Senhor Basílio - Eu tenho lá uma fotografia, tirada com uma rapariga que fez parte da peça.

Maria João Franco - Tem?

Senhor Basílio - Que é uma Lousada. Eu tenho lá uma fotografia pequena, tirada lá, quando foi do "Motim", e ela era uma rapariga muito viva, está em cima de um palanque a falar para os artistas, para as figuras, dentro da peça...

Maria João Franco - Eu vi-a, mas agora não me lembro...

Senhor Basílio - Já lá vai muito tempo! Já era uma senhora, uma menina, a quando foi esse....

Maria João Franco - Não, não, eu tinha 30 e tal anos!

Senhor Basílio - Já era uma senhora.

Agora o que eu ia dizer... As perguntas que senhora vai fazer...

Filha de Miguel Franco - Era mais para saber o trabalho do meu pai no Castelo, tudo o que ele fez nos trabalhos dos Festivais de Arte em Leiria.

Senhor Basílio - O seu pai, foi um rapaz extraordinário. Deu muito à nossa cidade e não foi assim tão compreendido. Nalgumas situações não foi assim tão compreendido...

Maria João Franco - Fale-me da incompreensão que há dessa gente em relação ao meu pai.

Senhor Basílio - A incompreensão era esta: o seu pai era muito vivo, muito esperto e muito culto, e depois fazia peças... A senhora sabe, o seu paizinho vivia muito as coisas, era um rapaz muito atento e depois – mas não vamos aqui falar de política que eu não quero entrar nisso, que eu não sou político. Tenho a minha ideia e respeito todos -, mas o seu paizinho era contra tudo. Por isso mesmo não entrava na situação, era um rapaz que vivia com uma independência grande, mas com uma convicção: ele queria outro mundo, outra vida que não fosse aquela que se vivia por esse tempo. Não foi só ele, mas ele foi um dos grandes entusiastas. E as peças às vezes que ele fazia “dava” assim um bocadinho..., algumas situações “dava” assim um bocadinho e, por isso, ele não podia agradar a todos. Naturalmente, por isso, o Miguel não agradava a toda a gente, mas agradava à maioria. Não estou a fazer jeito na conversa, minha senhora! Eu vivi todo esse tempo e vivi-o de certa maneira, porque tudo o que conheço, ainda nos nossos dias, foi porque observei ou participei. De maneira que quando converso, quando falo nestas coisas é com a certeza que elas se passaram. Não estou a pôr assim coisas, ou aqui ou ali. Pode haver uma falha, mas não é empolar as coisas, é pô-las no seu lugar. E o seu paizinho era um rapaz muito aberto, era assim um pouco reto nas suas coisas. E, por isso...

Maria João Franco - Levava tudo a direito, não era?

Senhor Basílio - É isso, reto, e por isso não podia agradar a todos. Mas agradou. Ele tinha aqui os amigos: o Vasco da Gama Fernandes, o Rocha e Silva, o Dr. Serafim. Eram homens que, de certo modo, o seu paizinho acompanhava. Portanto era um homem aberto, comunicativo, e por esse tempo não se podia ser aberto nem comunicativo, pois vinham logo com a pistola e cortavam logo, matavam-nos logo, não nos deixavam sobreviver. É uma expressão, matavam nada, mas a censura

Maria João Franco - Matavam, matavam....

Senhor Basílio - Sim, também matavam, mas isso é outra coisa.

Maria João Franco - Matavam, mas a gente não sabia de nada.

Senhor Basílio - Pois não.

Maria João Franco - Ou fazia que não sabia...

Senhor Basílio - Isso sim.

Olhe, e a jovem senhora continua a manter também a personalidade do seu paizinho.

Desculpe a minha pergunta, mas eu creio que sim: a jovem senhora esteve um tempo em Lisboa, embora agora voltasse para Leiria; eu perdi-a um pouco de vista, não sei. Quer-me parecer que é o seu paizinho, também, não sei...

Maria João Franco - Dizem que eu sou um pouco parecida com o meu pai, na minha maneira de ser. Sou menos extrovertida do que ele; sou menos conversadora talvez. Não sei, depende, depende do interesse que eu tenho pelas coisas...

Senhor Basílio - Sim, mas isso todos nós, de uma maneira ou de outra. Por que a gente quando há interesse... Olhe, eu estou a falar com a senhora e estou a viver as coisas.

Maria João Franco - Eu estou a perceber.

Senhor Basílio - Quer dizer: estou a viver as coisas, estou a lembrar com saudade o passado, esse tempo maravilhoso, estou a lembrar e a ouvir as coisas intensamente, mas tudo e desde sempre. E olhe, eu estou a ver a jovem, por aí fora, e depois fez-se mulher, depois foi para Lisboa e perdi-a um pouco de vista....

Maria João Franco - Sim, estive cerca de 15 anos em Lisboa; estou cá há 5 anos, estou a fazer a minha carreira como pintora.

Senhor Basílio - Eu sei isso, já fui a uma ou duas exposições suas.

Maria João Franco - Estou a trabalhar o mais possível, procuro não pedir nada a ninguém porque acho que as pessoas não devem andar a pedir.

Senhor Basílio - Sim, bem, não devem pedir, as pessoas é que devem vir ao encontro.

Maria João Franco - Não é só isso. Quer dizer, eu mostro aquilo que faço sem relutância nenhuma, eu pinto e mostro praticamente tudo o que faço. E as pessoas acho que apreciam, pelo menos, até ver, não me queixo...

Senhor Basílio - Sim, sim, desculpe lá. A senhora tem a sua vida hoje situada em Leiria, não é?

Maria João Franco - Sim, eu vivo em Leiria.

Senhor Basílio - Pode ir a Lisboa, aqui e ali, as exposições... Mas a sua vida é cá, está situada cá.

Maria João Franco - Sim, estou cá, eu estou a viver cá.

Senhor Basílio - Já residência e tudo isso.

Mas, agora falando do seu pai, isso nunca mais acabava, eu gostava muito, ele cruzava muito comigo.... Ele uma ocasião... Mas estava a falar da peça "Inês Pereira", e a gente fugiu desse assunto, já chegamos lá, mas agora são outras situações... mas eu lembro-me de uma ocasião aparecer aqui alguém de uma igreja, dessas igrejas, que não é a católica e que conversou comigo e disse: - "Senhor Basílio..." - o seu paizinho estava no Ateneu e ele era o presidente do Ateneu aqui - e esse senhor diz-me assim: - "O Sr. Basílio é que podia conseguir que fosse cedida a sala do Ateneu para a gente fazer um programa por causa do fumo, a contrariar o fumo. Vem um senhor de Coimbra que também é da Igreja e que vinha falar sobre isso e nós queríamos assim um ambiente... e era bom ali, a sala do Ateneu. O senhor consegue isso?" - "Não sei, mas eu vou falar com o senhor Miguel, que é o presidente."...

E eu sou fundador também do Ateneu...

Maria João Franco - Eu sei.

Senhor Basílio - ... e eu fui lá. Ele estava ali com a Lubrigaz, não era?, com o gás...

Maria João Franco - A Petrolis.

Senhor Basílio - E eu pedi para falar com ele, fui ao gabinete dele – “Então, oh Basílio o que é que te traz aqui?”. – “Olha lá, ó Miguel, há isto e isto, assim e assim, o que é que tu me dizes?” – “Oh, pá, isso nem se pergunta!” – “Então, mas reúnes com a direção e falam?”. – “Não é preciso, eu estou à vontade para o fazer e o senhor que vá quando quiser e estão absolutamente à vontade.” O seu paizinho era assim.

Maria João Franco - Mas diga-me uma coisa. Em relação ao meu pai, como sabe, ele era antifascista profundo e profundamente anticatólico...

Senhor Basílio - Sim, era bastante anticatólico.

Maria João Franco - Era profundamente anticatólico. O meu pai era ateu. Agora, a relação dele com os padres, o que é que acha, ele dava-se bem com os padres todos?

Senhor Basílio - Não sei se se dava...

Maria João Franco - Dava, dava.

Senhor Basílio - Bem, sabe que os padres, havia aqui uma contrariedade. Ele ainda é do tempo do Padre Lacerda, que foi diretor de “O Mensageiro” e era uma figura com uma influência extraordinária. Ele chegava a Lisboa, aos ministros, ele movimentava aquilo tudo. De maneira que era uma pessoa que toda esta região...

Maria João Franco - Dos Milagres?

Senhor Basílio - Dos Milagres. Chegavam lá - “Oh sr. Padre Lacerda...” pedia-se-lhe e ele tratava logo de tudo e punha tudo a andar.

Havia os Galambas, que ainda está aí o mais novo, o Aurélio...

Maria João Franco - Ainda é vivo, o Galamba?

Senhor Basílio - O Aurélio é o mais novo, deve ter 80 anos agora. O mais velho era...

Maria João Franco - O Zé Galamba!

Senhor Basílio - Isso!

... Eram uns senhores, por esse tempo. Não digo se está mal ou se está bem, mas mandavam muito, tinham uma força muito grande.

O seu paizinho, isso não estou a ver bem, bem, a influência dele nessa situação...

Maria João Franco - Era muito interessante também contar-lhe agora uma história.

O Padre Aurélio...

Senhor Basílio - O mais novo. Está ainda, aí.

Maria João Franco - ... o mais novo, dizia: – “Oh Miguel Franco, você é tão bom homem, que você devia acreditar em Deus”. E o meu pai dizia-lhe: – “Tudo bem, sim senhor! Quando eu acreditar – Deus poder fazer esse milagre – é porque Ele existe”.

Senhor Basílio - E eles não tinham resposta para lhe dar?

Maria João Franco - Pois não, porque o meu pai estava aberto a isso, não é verdade?

Senhor Basílio - Bem, o seu pai contrariava e fazia justiça às coisas, naturalmente...

Maria João Franco - Tinha argumentos.

Senhor Basílio - Mas olhe que eu vi – a Sr^a dê-me licença de uma coisa - não é desviar, mas havia aqui dois rapazes, irmãos, que também eram muito amigos do seu paizinho, especialmente o mais velho, que eram os Toras. Nunca ouviu falar do Manuel e do António Tora?

Maria João Franco - Sim, do Manuel Tora, sim.

Senhor Basílio - O Miguel era muito, muito amigo do Manuel, era como um irmão; nascidos no Bairro dos Anjos, brincavam... ele já veio de Pombal, o irmão mais novo é que nasceu aqui. Mas havia uma intimidade, uma amizade muito grande, e então o Manuel tinha discussões com os Galambas, qualquer deles, mas especialmente

o mais velho. Discutia com eles, contrariava-os em tudo, tudo... diga-me isto, diga-me aquilo, como é que é, como é que não é – não sei! - e eles defendiam-se com certeza à sua maneira...

Mas tenho uma coisa que eu vou dizer à Sr^a e que vem a propósito. D^a ...?

Maria João Franco - Maria João. Não me chame dona. Sou só a Maria João.

Senhor Basílio - Está bem! E eu sou o Basílio, também...

Olhe, Maria João... as conversas são com as cerejas. Não conheceu, não ouviu falar do Dr. Portela?

Maria João Franco - Dr. Portela?...

Senhor Basílio - Dr. Portela, que era aqui de Regueira de Pontes. Era um rapaz extraordinário, ele era da minha idade, também, um pouco mais velho do que o seu paizinho, ele formou-se em Roma, naquelas coisas de filosofias e mais não sei...

E ele tinha uma propriedade ao pé dos Pinheiros, à volta dos Pinheiros...

Maria João Franco - Ah, família Portela.

Senhor Basílio - Era da família Portela.

Maria João Franco - Sim, sim, já sei.

Senhor Basílio - E o padre, ele era formado, era doutorado...

Maria João Franco - Já sei, era a família Portela.

Senhor Basílio - Então, e nós íamos muito – porque ele foi ao casamento – porque o Manuel dava-se muito, talvez mais do que eu, por esse tempo!, embora eu conhecesse o Portela, o Dr. Portela. E então quando casou a Evelise – sabe quem é a filha do Manuel Tora? A Evelise? – O casamento...

Maria João Franco - Eu fui ao casamento.

Senhor Basílio - Como?

Maria João Franco - Eu fui ao casamento da Evelise. Foi lá em cima nos Franciscanos.

Senhor Basílio - Pois foi. Estava lá o Portela, foi uma das figuras também do casamento. Mas espere. E então ele tinha essa propriedade, e nós, eu e o Manuel, íamos ao sábado e ao domingo, a falar com ele, na propriedade que ele tinha. Tinha uma adega e tinha - sei lá - assim uma espécie de arrecadação, onde recolhia as frutas e tinha uma adegazinha pequenina, mais em cima. E então nós íamos para lá...

Maria João Franco - Isso nos Pinheiros?

Senhor Basílio - Nos Pinheiros. A gente deixa os Pinheiros, começa a descer pelos Milagres, e é logo do lado esquerdo.

Maria João Franco - Já sei, já sei. Nós estivemos lá a fazer um pic-nic ou coisa que o valha.

Senhor Basílio - Também eu ia lá tanto, ia lá tanto...

Maria João Franco - Tinha um barracão grande...

Senhor Basílio - Sim, sim. Então a gente até está lá, nós estamos lá, D^a Maria João. Agora: o que é que acontece?... nós íamos ali...

O meu livrozito, não o conhece. É uma coisinha qualquer... O livro que eu publiquei é uma coisa que também pode ser feita em mil. Aquilo foi uma brincadeira minha, porque eu podia ter feito uma coisa mais completa... E agora também a podia fazer, mas os papéis que eu tenho... agora não sou capaz, nunca mais lá chego.

Mas resultado: íamos ali fazer tardes maravilhosas, eu e o Manuel Tora. Olhe que a gente esquecia-se, fazia-se noite e ele acendia o petromax e nós continuávamos a falar...

(Inaudível)

.... com um conhecimento tão grande das coisas. O seu paizinho também o conhecia muito bem.

Maria João Franco - Pois, eu lembro-me, lembro-me do filho... do irmão do Padre Portela, que era professor nos Pinheiros.

Senhor Basílio - Já o pai deles era professor.

Maria João Franco - Exato. Era o filho do Sr. Portela. Foi meu colega na Escola Preparatória de D. Dinis. Era professor de Trabalhos Manuais e eu era professora de Desenho.

Senhor Basílio - Ah, sim, foi seu colega lá, ainda...

Maria João Franco - Sim. Teria eu vinte e um anos, vinte e dois.

Senhor Basílio - O tempo passa num instante... a senhora sabe que eu vou fazer 88 anos?

Maria João Franco - E faz muito bem. Sabe que a minha mãe faz hoje 80!

Senhor Basílio - A sua mãezinha há muito tempo que não a vejo.

Maria João Franco - A minha bem não está, não está bem...

Senhor Basílio - Também não saio assim muito. Olhe, a última vez que vi a sua mãezinha, se não me falha a memória, foi no encontro do Rádio Clube de Leiria - que eu também ajudei a fazer o Rádio Clube de Leiria, que dá todos os anos a Gala, e eu fui lá também! Fui convidado pela senhora e foi a última vez que me parece que eu vi a sua mãezinha. Não estava lá a jovem, também? A Maria João?

Maria João Franco - Não, não. Eu devia estar em Lisboa nessa altura.

Senhor Basílio - Pronto. Também ela, quando eu passei, cumprimentou-me... mas o tempo passa... E, entretanto, estou velho.

Maria João Franco - Não está nada, não está nada.

Senhor Basílio - Olhe, então o que é que ia eu a dizer?... A Maria João vá perguntando... alguma coisa...

Maria João Franco - Olhe, diga-me uma coisa: lembra-se se o meu pai andava assim muito nas Arcadas?

Senhor Basílio - Sim, ele ia aos cafés... então eu não sei?

Maria João Franco - Ele tem um texto que é sobre o Cecílio Flor. Tem ideia desse homem?

Senhor Basílio - Quem?

Maria João Franco - Cecílio Flor? O Cecílio. Tocava ocarina...

Senhor Basílio - Oh, meu Deus! Oh, Maria João, eu vivi, eu de garoto puxava-lhe o casaco, ele era quase cego...

Maria João Franco - Sim, eu sei.

Senhor Basílio - Tocava ocarina, realejo. Corria aqui a cidade... no meu livro está um apontamento sobre ele.

Maria João Franco - Onde é que eu posso arranjar o seu livro?

Senhor Basílio - Em parte nenhuma, que não há. Mandaram fazer mil livros e limparam-nos logo, em pouco tempo... E já lá vão três anos.

Eu tenho, eu tenho e podia emprestar-lho mas há uma coisa que eu digo à Maria João – tinha muito gosto nisso –, mas eu digo-lhe: eu só tenho dois livros desses e são meus, muito meus, e emprestava-lho, mas olhe... que a Sr^a – pelo amor de Deus! –, não estou a duvidar que a Maria João... vou-lhe emprestar um livro ...

(Inaudível)

25 de Janeiro de 2001

Praça Rodrigues Lobo, Leiria

Recortes de impreña

CRITICA LITERÁRIA

LEGENDA DO CIDADÃO MIGUEL LINO, por Miguel Franco

A BIRRA DO MORTO, farsa trágica, por Vicente Sanches

O SER SEPULTO, por António Rebordão Navarro

• Por JOÃO GASPAR SIMÕES

Claro que não estou de acordo com o texto que abre a nova colecção da Editorial Inova, Teatro para as Quatro Estações, atribuído a Erwin Piscator, e como que introdução à leitura da primeira peça editada na mesma colecção — *Legenda do Cidadão Miguel Lino*, da autoria de Miguel Franco. E porque? Porque se diz aí que o teatro tem por missão intervir de uma maneira activa no curso dos acontecimentos, e preenche essa missão mostrando a história na sua evolução. Parece-me que já vai sendo tempo de acabarmos com este *qui pro quo*. Nem o curso dos acontecimentos sofre qualquer alteração com o teatro que se escreve e representa, seja histórico ou não, político que seja, nem a literatura dramática ganha grande coisa com o teatro cuja preocupação é intervir no curso dos acontecimentos. Em que é que o teatro de Shakespeare interveio no curso dos acontecimentos da época Isabelina, histórico que seja, ou que papel teria representado no curso dos acontecimentos? o teatro de Gil Vicente? Interveio nos acontecimentos o teatro de Brecht? E o de Sartre? Interveio nêles o teatro de Artaud ou de Ionesco? Santo Deus! Não. O teatro só pode intervir nos acontecimentos — seja histórico ou não — quando grande teatro, grande arte, e a única intervenção que lhe posso reconhecer, ao nível dos acontecimentos, não é no plano político, ou histórico, ou social, mas no plano artístico. Aliás, que poderá interessar ao homem de hoje que o teatro de Esquilo ou o de Eurípides intervesse no curso dos acontecimentos da sociedade helénica? Por maior que fosse o seu papel na evolução dos acontecimentos da Grécia, a sua perenidade só nos daria respeito desde que, como forma de arte, como expressão artística, subsistisse em toda a sua potente expressividade. Repito, para o teatro, o que na altura em que discuti a tese de Sartre exposta em *Qu'est-ce que la littérature?*, segundo a qual literatura era toda a obra escrita que podia contribuir para a revolução social — era então, em 1948, a minha, é qual me mantenho fiel. Para mim, a verdadeira natureza da literatura — sem excluir a literatura dramática — não depende da ordem dos interesses sociais, políticos, morais ou religiosos que porventura resolve ou tenta resolver, mas da sua própria e intrínseca qualidade de literatura. Enquanto a *Antígona* ou o *Hamlet*, obras sem directa influência no curso dos acontecimentos de ordem social ou

histórica, permanecem obras-primas da literatura dramática, um romance como *The Uncle Tom's Cabin*, da célebre Mrs. Stowe, a norte-americana que se bateu pela emancipação dos escravos negros do seu país, obra com influência directa no curso dos acontecimentos, nada representa no plano das autênticas criações literárias.

Porém, a tese que serve de epígrafe à nova colecção dramática — aquela em que figura a peça de Miguel Franco — não interfere no juízo que a peça do autor de *O Motim* agora nos apresenta, peça já premiada em 1969 pelo Alenquer Commercial do Porto. Estamos, de facto, diante de um documento literário de teatro histórico, com implicações didácticas, digamos, de muito boa qualidade. Miguel Franco, que já era autor de uma peça notável, o citado *Motim*, renova a sua posição no pobre panorama da literatura teatral portuguesa voltando-se para o teatro histórico ou de intervenção, no plano da escrita, bom teatro, do melhor que se faz em Portugal, não porque seja de intervenção no curso dos acontecimentos, senão só por ser bom teatro, boa literatura dramática.

Em verdade, a sua *Legenda do Cidadão Miguel Lino*, reconstituição de um episódio histórico significativo das invasões francesas em Portugal — significativo e de repercussão actual — proporciona-nos, simultaneamente, uma nova amostra dos dotes teatrais do seu autor e deixa-nos entrever como é mesquinho o património teatral português — e literário — de maneira geral — no capítulo em que a sua peça se situa. Salvo, isso mesmo se ressalva na nota, apenas ao seu livro, salvo dois ou três romances e um que outro conto, onde o tema da guerra peninsular foi glosado, tão importante tema da vida social portuguesa — a entrada das tropas francesas em Portugal —, por assim dizer não comparece na nossa literatura, muito particularmente na nova literatura dramática. E Miguel Franco, que já andara pelas águas salgadas por Arnaldo Gama, o autor de *O Sargento-Mor de Vila* e *de Um Motim há Cem Anos* —, outra vez sulca as mesmas águas mas num plano teatral em que, de algum modo, aborda um problema dos nossos dias, o da «revolução traída». Este o lado importante da sua obra dramática? Claro que não. Importante na sua peça é a bela estrutura teatral da mesma e a sóbria linguagem em que está escrita. Qual a contribuição do tema, supostamente de signifi-

significativa no quadro, infelizmente acanhado, do teatro português dos nossos dias, a farsa a que deu o título de *A Birra do Morto* afigura-se-nos das menos importantes entre as publicadas. Porque? É-nos difícil dizer porquê. Embora o tema nela glosado seja de uma originalidade feliz — a situação caricata, jocosa, burlesca, fantástica, de humor negro, digamos, em que se colocam os vivos diante de um morto que se recusa a entrar no caixão —, algo se nos antolha insuficientemente tratado na tessitura da peça. O quê? A linguagem, não. Tão-pouco a caracterização das figuras. Nem mesmo a movimentação da cena. Qué, então? Pensamos que a insuficientemente ponderada articulação dos factos produzidos pelo insólito da situação. Uma anedota que não chegou a literatura dramática? Talvez.

Como anedota — não propriamente como farsa, que, como farsa, a anedota continua a ser anedota —, como anedota, *A Birra do Morto* aceita-se. Digamos que, lendo a referida anedota, pensamos connosco: eis uma boa anedota que, para ser uma boa farsa, precisava do que não tem: elevar-se de anedota a farsa. Em nosso parecer, Vicente Sanches, dos talentos mais pessoais da nossa literatura dramática actual, entretido a contar-nos uma anedota *farsante*, esqueceu-se de que a sua anedota, para ser farsa, requeria algo mais do que a facilidade posta pelo seu autor em articular situações não poucas vezes improvisadas (o caso da intervenção do guarda-republicano, que evoca leis inexistentes, quando, no maior absurdo teatral, de fundo realista, como é o caso, só leis inexistentes, situações possíveis, podem prestar-se a equações inverosímeis ou absurdas), requeria o amadurecimento que não tem.

E que pensar de *O Ser Sepulto*, de António Rebordão Navarro (Paisagem Porto)? Que estamos diante da primeira prova teatral de um autor já consagrado na ficção, lida ensalado certa esperança. Um pequeno acto, de sabor à Camus — ou talvez não —, em que há realidade e irrealdade, aliadas, confundidas, alegorizadas, e de cuja leitura saímos, porém, um pouco aguçados. Talvez quisésemos mais — talvez não quisésemos tanto. Uma boa estreia de teatro escrito — sem sombra de preocupações intervencionistas. As boas in-

Nenhuma.

Podia a peça de Miguel Franco glosar o tema das *Cartas de Uma Religiosa Portuguesa*, isto é, um tema sem actualidade de nem influência, mas curso dos acontecimentos político-sociais da hora que passa, e conferirmos-lhe a mesma relevante significação. Por quê? Porque no teatro — como na literatura em geral — a margem de intervenção é nula comparativamente com a margem de representatividade literária. Quando se converteu os nossos iludidos intervencionistas do teatro, do romance, da poesia, que a intervenção depende da qualidade literária do que se escreve e não das boas intenções de quem escreve? Felizmente que Miguel Franco tem consigo, ao dispor da sua pena, um talento dramático — literário-dramático — suficientemente rico para superar quaisquer possíveis boas intenções que animem a mesma pena. Fossem más as suas intenções e bom o seu talento, o resultado era o mesmo. Está a nossa opinião. E connosco temos os que não pensamos como pensa o tal padrinho literário do teatro para as Quatro Estações. Oxalá os afilhados que ainda vier a apadrinhar sejam todos da qualidade literária daquele que abre a referida colecção, o autor da magistral *Legenda do Cidadão Miguel Lino*.

Habilita-nos a reprovação da epígrafe de Erwin Piscator a reprovar, em seu nome, uma peça como *A Birra do Morto*, de Vicente Sanches? Claro que não. A nova obra teatral do autor de *O Passado e o Presente*, *Um Homem de Sorte*, *A Situação Definitiva*, etc., escritor dramático com presença

NUM MUNDO E NUM TEMPO COMO OS NOSSOS

Legenda do Cidadão Miguel Lino

Não caberia aqui, nestas crónicas leves que o ventic dispersa facilmente, nem me caberia a mim, homem de alguns gostos e de numerosas artes, falar da peça de Miguel Franco, recentemente publicada na colecção «Teatro para as Quatro Estações» da editorial Inova, LEGENDA DO CIDADÃO MIGUEL LINO. Não consigo, porém, estancar esta inclinação para falar naquilo em que um jornal (já que tenho a honra de ser seu colaborador), dirigido a um público adulto e esclarecido e jornal de Leiria, tem que falar: nos valores leirienses e nas coisas do Espírito.

Desculpem-me, pois, a intromissão ousada na obra notável de Miguel Franco.

Tenho para mim que ela tem passado um tanto despercebida a Leiria. Não, evidentemente, que se não saiba que Miguel Franco publicou a *Legenda do Cidadão Miguel Lino* e *O Motim*, que esta peça foi representada pela Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro, e, antes, publicara o *Prólogo para a «Representação da Farsa de Inês Pereira na Corte de D. João III»* e *Quinta-Feira e Outros Poemas*. O que me parece é que não se deve ter, ainda, avaliado a situação das duas peças *Motim* e *Legenda* no Teatro português em geral e no Teatro Histórico em particular, onde ambas ocupam lugares proeminentes e de tal maneira que os ocupam quase solitariamente, por falta de antigos e de novos concorrentes no género, sem dúvida, mas, essencialmente, porque nelas aconteceu Teatro e «a revoada de sons» mais íntimos da alma duma cidade e dum povo, não só do momento histórico dramatizado mas de todos os tempos, de sempre.

Nelas se revela Miguel Franco não apenas o dramaturgo — criador de peças — mas o verdadeiro Artista-Criador de Teatro.

Aliás, M. Franco, escolhendo o Teatro Histórico, enveredou por um género extremamente difícil, que exige seguros dotes de escritor-narrador aliados a apurada técnica dramática, um Teatro que, talvez melhor que o Teatro doutras expressões, quando elaborado nos termos do de M. Franco, se não intertem no curso da História, como o quer Erwin Piscator no texto de abertura da colecção que a *Legenda* inicia, (é possível que o dr. João Gaspar Simões tenha certa razão na sua discordância da opinião de Erwin, como aliás o parece provar na crítica, eloquentemente elogiosa, à *Legenda* e a toda a obra dramática de M. Franco, vinda a lume no Diário de Notícias de 6 de Setembro último), gravará fundas impressões, e é este o caso da peça em epígrafe, em quem o ler ou vir representar, impressões que pelas suas repercussões e verdade actuais bem poderão influir os peões do xadrez da História.

Na *Legenda do Cidadão Miguel Lino*, que todos deveremos exigir venha a ser reresentada em breve, é imprescindível escutar com atenção o seu admirável e elucidativo prefácio, uma obra prima incrustada na outra.

José Travaços Santos

Ficha Técnica

MIGUEL FRANCO

Sobre o Teatro

Edição: **Mosteiro da Batalha/Direção-Geral do Património Cultural**

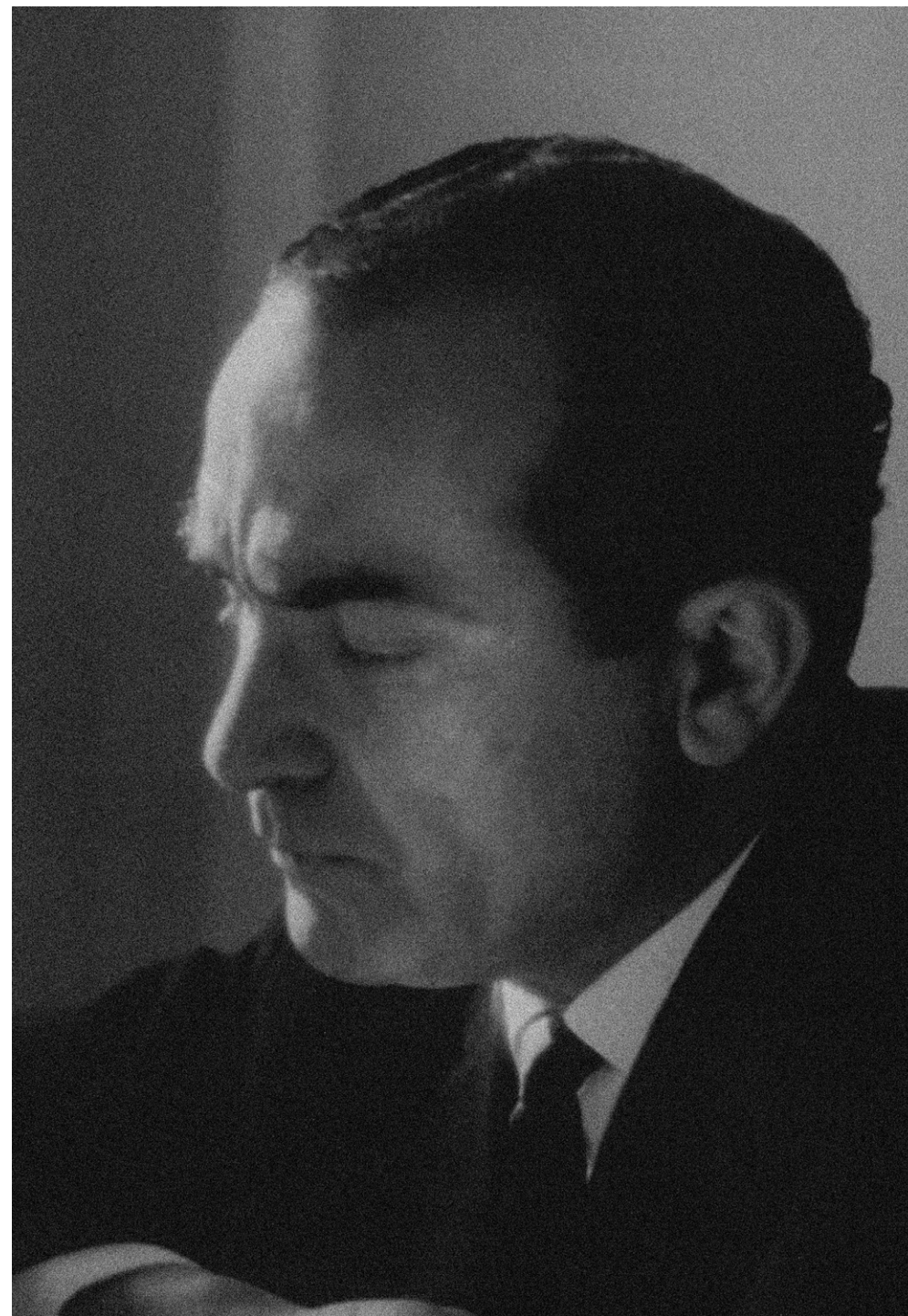
Diretor: Joaquim Ruivo

Coordenação: Maria João Franco

Concepção gráfica: Licínio Florêncio

Setembro 2020

Edição



*“...direi que Teatro é Justiça.
E sempre assim foi: os homens
reconstruindo a vida, com o seu coração,
por a quererem justa.
Essa é a essência do Teatro.”*

Da palestra.

